

ARNALDUR INDRIDASON

# O segredo do lago

*Tradução*

Álvaro Hattner

Copyright © 2004 by Arnaldur Indriðason  
Publicado mediante acordo com Forlagid [www.forlagid.is](http://www.forlagid.is)

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Kleifarvatn

Traduzido da edição americana (The draining lake)

*Capa*

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

*Foto de capa*

© Kalervo Ojutkangas/ Nordic Photos/ Getty Images

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Huendel Viana

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Indriðason, Arnaldur

O segredo do lago / Arnaldur Indriðason ; tradução Álvaro  
Hattner. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Kleifarvatn.

ISBN 978-85-359-2207-3

1. Ficção islandesa I. Título.

12-14094

CDD-839.693

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura islandesa 839.693

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# 1.

Ela ficou imóvel por um longo tempo, olhando para os ossos, como se não fosse possível que eles estivessem ali. Não mais possível do que ela mesma estar ali.

No início, pensou que fosse outra ovelha afogada no lago, até que se aproximou e viu o crânio semienterrado no leito do lago e a forma de um esqueleto humano. As costelas se projetavam da areia e sob elas podiam ser vistos os contornos da pelve e dos ossos da coxa. O esqueleto estava deitado sobre o lado esquerdo, por isso ela conseguia ver o lado direito do crânio, as órbitas dos olhos vazias e três dentes da arcada superior. Um deles tinha uma grande obturação prateada. Havia um buraco enorme no crânio, mais ou menos do tamanho de uma caixa de fósforos, que ela instintivamente achou que poderia ter sido feito por um martelo. Inclinou-se e olhou o crânio com atenção. Hesitou um pouco e em seguida explorou o buraco com o dedo. O crânio estava cheio de areia.

A imagem de um martelo voltou à sua mente, e ela estremeceu com a ideia de alguém ser atingido na cabeça com aquilo.

Mas o buraco era grande demais para ter sido feito por um martelo. Decidiu não tocar no esqueleto novamente. Em vez disso, pegou o celular e discou para a emergência.

Perguntou-se o que iria dizer. De certa maneira, aquilo era bem surreal. Um esqueleto tão longe no lago, enterrado no leito de areia. Nem ela andava no melhor da sua forma. Visões de martelos e caixas de fósforos. Estava difícil se concentrar. Seus pensamentos não se fixavam e ela sentia dificuldade em reorganizá-los.

Isso provavelmente porque estava de ressaca. Após ter planejado passar o dia em casa, mudou de ideia e foi para o lago. Tinha se convencido de que precisava verificar os instrumentos. Ela era uma cientista. Sempre quis ser cientista e sabia que as medições deviam ser monitoradas com cuidado. Mas a dor de cabeça a incomodava e seus pensamentos estavam longe de ser lógicos. Na noite anterior, a Agência Nacional de Energia havia realizado seu jantar dançante anual e, como às vezes acontecia, ela bebera demais.

Pensou no homem deitado em sua cama em casa e lembrou que foi por causa dele que havia resolvido ir para o lago. Não queria estar lá quando ele acordasse e esperava que já tivesse ido embora quando ela voltasse. Ele tinha ido para o apartamento dela após o jantar, mas não era muito interessante. Não mais do que os outros que conhecera depois do divórcio. Ele praticamente só ficou falando da sua coleção de CDs e continuou muito depois de ela ter desistido de fingir algum interesse. Então ela adormeceu em uma poltrona da sala. Quando acordou, viu que ele tinha ido para sua cama, onde dormia de boca aberta e com uma cueca minúscula e meias pretas.

“Emergência”, disse uma voz do outro lado.

“Olá. Eu gostaria de informar que encontrei uns ossos”, disse. “Há um crânio com um buraco.”

Fez uma careta. Maldita ressaca! Quem iria falar desse jeito?

Um crânio com um buraco. Lembrou-se da frase de uma canção infantil que falava sobre uma moeda de um centavo com um buraco no meio. Ou era de dez centavos?

“Seu nome, por favor”, pediu a voz neutra do atendimento de emergências.

Ela arrumou seus pensamentos desordenados e disse seu nome.

“Onde a senhora está?”

“No lago Kleifarvatn. Lado norte.”

“A senhora o pegou com alguma rede de pesca?”

“Não. Ele está enterrado no leito do lago.”

“A senhora é mergulhadora?”

“Não, ele está saindo do leito. Costelas e crânio.”

“Está no fundo do lago?”

“Isso mesmo.”

“Então como a senhora está conseguindo vê-lo?”

“Estou aqui olhando para ele.”

“A senhora o trouxe para terra firme?”

“Não, eu não toquei nele”, mentiu instintivamente.

A voz no telefone fez uma pausa.

“Que droga é essa?”, a voz disse, por fim, com raiva. “É alguma brincadeira? Sabe o que pode acontecer com a senhora por desperdiçar nosso tempo?”

“Não é brincadeira. Estou aqui olhando para ele.”

“Então quer dizer que a senhora consegue andar sobre a água?”

“O lago desapareceu”, disse ela. “Não há mais água. Apenas o leito. Onde o esqueleto está.”

“O que quer dizer com o lago desapareceu?”

“Não desapareceu todo, mas agora está seco no lugar onde estou. Eu sou hidrologista da Agência Nacional de Energia. Eu estava registrando o nível da água, quando descobri esse esqueleto.

Há um buraco no crânio e a maior parte dos ossos está enterrada no fundo da areia. A princípio pensei que fosse uma ovelha.”

“Uma ovelha?”

“Encontramos uma outro dia, que havia se afogado anos atrás. Quando o lago era maior.”

Houve outra pausa.

“Espere aí”, disse a voz com relutância. “Vou mandar uma patrulha.”

Ela ficou parada perto do esqueleto por algum tempo, depois foi até a margem e mediu a distância. Tinha certeza de que os ossos não estavam lá quando havia feito medições no mesmo lugar quinze dias antes. Do contrário, ela os teria visto. O nível da água havia caído mais de um metro desde então.

Os cientistas da Agência Nacional de Energia estavam intrigados com aquele enigma; o nível de água no lago Kleifarvatn vinha diminuindo rapidamente. A agência tinha criado seu primeiro monitor automático de nível de superfície em 1964, e uma das tarefas dos hidrologistas era verificar as medições. No verão de 2000, o monitor parecia ter quebrado. Uma incrível quantidade de água estava escoando do lago todos os dias, duas vezes o volume normal.

Ela caminhou de volta até o esqueleto. Estava louca para olhar melhor, desenterrá-lo e tirar a areia dele, mas imaginou que a polícia não iria ficar nem um pouco feliz com isso. Ela se perguntou se seria de um homem ou de uma mulher e vagamente se lembrou de ter lido em algum lugar, talvez em alguma história de detetive, que os esqueletos femininos e masculinos eram quase idênticos: apenas as pelvis eram diferentes. Em seguida se lembrou de alguém lhe dizendo para não acreditar em tudo que lesse em histórias de detetive. Como o esqueleto estava enterrado na areia, ela não podia ver a pelve, mas de repente lhe ocorreu que, de qualquer forma, ela não iria perceber a diferença.

A ressaca aumentou e ela se sentou na areia ao lado dos ossos. Era uma manhã de domingo, e de vez em quando um carro passava pelo lago. Imaginou que fossem famílias saindo para um passeio de domingo por Herdísarvík e depois por Selvogur. Essa era uma rota popular e pitoresca, através do campo de lava e de colinas, passando pelo lago até chegar ao mar. Pensou nas famílias em seus carros. Seu marido a havia deixado quando os médicos descartaram a possibilidade de eles terem filhos juntos. Pouco tempo depois ele se casou de novo, e agora tinha dois filhos adoráveis. Havia encontrado a felicidade.

Tudo o que ela havia encontrado era um homem que mal conhecia deitado de meias em sua cama. Com o passar dos anos havia se tornado mais difícil encontrar homens decentes. A maioria era divorciada como ela ou, pior, nunca havia tido um relacionamento.

Olhou com tristeza para os ossos semienterrados na areia e quase chorou.

Cerca de uma hora depois, um carro da polícia se aproximou do Hafnarfjörður. Ele não tinha pressa, percorrendo vagarosamente a estrada rumo ao lago. Era maio, e o sol estava alto no céu, iluminando a superfície lisa da água. Ela estava sentada na areia olhando para a estrada e, quando acenou para o carro, ele parou no acostamento. Dois policiais desceram, olharam em sua direção e caminharam até ela.

Ficaram observando o esqueleto em silêncio por um bom tempo até que um deles cutucou uma das costelas com o pé.

“Você acha que ele estava pescando?”, perguntou ao colega.

“Em um barco, você quer dizer?”

“Ou então entrou na água.”

“Há um buraco”, disse ela, olhando para um e para outro.

“No crânio.”

Um dos policiais se abaixou.

“Ora”, disse.

“Ele poderia ter caído no barco e quebrado o crânio”, disse seu colega.

“Está cheio de areia”, disse o primeiro.

“Não deveríamos notificar o DIC?”, perguntou o outro.

“A maioria deles não está nos Estados Unidos?”, lembrou seu colega, olhando para o céu. “Em um congresso sobre crime?”

O outro oficial assentiu. Então eles ficaram em silêncio por algum tempo, inclinados sobre os ossos, até que um deles se virou para ela.

“Para onde foi toda a água daqui?”, perguntou.

“Há várias teorias”, respondeu ela. “O que vocês vão fazer? Posso ir para casa agora?”

Depois de trocar olhares, eles anotaram o nome dela e agradeceram, sem pedir desculpas por tê-la feito esperar. Ela não se incomodou. Não estava com pressa. Foi um belo dia à beira do lago, e teria gostado ainda mais da companhia de sua ressaca se não tivesse achado o esqueleto. Perguntou-se se o homem de meias pretas teria ido embora de seu apartamento, e certamente esperava que sim. Estava ansiosa para alugar um vídeo à noite e se aconchegar sob um cobertor na frente da televisão.

Olhou para os ossos e para o buraco no crânio.

Talvez devesse alugar um bom filme de detetive.



## 2.

Os policiais notificaram o sargento de plantão em Hafnarfjörður sobre o esqueleto no lago; eles levaram algum tempo para explicar como ele estava no meio do lago e ainda assim em terra seca. O sargento ligou para o inspetor-chefe na Central de Polícia e o informou sobre a descoberta, querendo saber se eles iriam assumir o caso ou não.

“Isso é para o comitê de identificação”, disse o inspetor-chefe. “Acho que tenho o homem certo para o trabalho.”

“Quem?”

“Ele está de férias, deve ter uns cinco anos de licença para tirar, eu acho, mas sei que ele vai gostar de ter alguma coisa para fazer. Ele se interessa por pessoas desaparecidas. Gosta de desenterrar coisas.”

O inspetor-chefe se despediu, pegou o telefone novamente e pediu que contatassem Erlendur Sveinsson e o enviassem ao lago Kleifarvatn com uma pequena equipe de detetives.

Erlendur estava envolvido com um livro quando o telefone tocou. Tinha tentado bloquear o implacável sol de maio da me-

lhor maneira possível. Cortinas espessas cobriam as janelas da sala, e ele fechou a porta da cozinha, onde não havia cortinas. Criou um ambiente escuro o bastante para ser obrigado a ligar o abajur ao lado de sua poltrona.

Erlendur conhecia bem a história. Ele já a tinha lido muitas vezes. Era o relato de uma viagem realizada no outono de 1868, que começara em Skaftártunga ao longo da trilha de montanha ao norte da geleira Mýrdalsjökull. Várias pessoas viajavam juntas até um acampamento de pesca em Gardar, no sudoeste da Islândia. Entre elas, um jovem de dezessete anos chamado David. Embora os homens fossem viajantes experientes e familiarizados com o percurso, uma perigosa tempestade atingiu-os logo depois que partiram, e eles nunca mais voltaram. Uma extensa busca foi organizada, mas nenhum vestígio deles foi encontrado. Só dez anos depois seus esqueletos foram descobertos, por acaso, ao lado de uma grande duna de areia, ao sul de Kaldaklof. Os homens tinham espalhado cobertores sobre si e estavam deitados quase uns sobre os outros.

Erlendur olhou para cima na escuridão e imaginou o adolescente no grupo, com medo e preocupado. Ele parecia saber o que o futuro lhe reservava antes de partir: alguns agricultores locais observaram como ele tinha distribuído os brinquedos de sua infância entre seus irmãos e irmãs, dizendo que não voltaria para pegá-los.

Abaixando o livro, Erlendur se levantou com o corpo rígido e atendeu o telefone. Era Elínborg.

“Você vem?”, foi a primeira coisa que ela disse.

“Eu tenho outra escolha?”, Erlendur perguntou. Há muitos anos Elínborg compilava um livro de receitas que agora finalmente ia ser publicado.

“Ah, meu Deus, estou tão nervosa. O que você acha que as pessoas vão pensar dele?”

“Eu mal consigo ligar um forno de micro-ondas”, disse Erlendur. “Então, talvez eu não seja...”

“Os editores adoraram”, disse Elínborg. “E as fotos dos pratos são espetaculares. Eles contrataram um fotógrafo especializado para tirá-las. E tem um capítulo especial sobre pratos de Natal...”

“Elínborg.”

“Diga.”

“Você me ligou por algum motivo em particular?”

“Um esqueleto no lago Kleifarvatn”, disse Elínborg, baixando a voz quando a conversa se afastou de seu livro de culinária. “Eu fiquei de ir pegar você. O lago encolheu, uma coisa assim, e eles encontraram uns ossos lá hoje de manhã. Querem que você dê uma olhada.”

“O lago encolheu?”

“É, eu também não entendi isso.”

Sigurdur Óli estava junto ao esqueleto quando Erlendur e Elínborg chegaram ao lago. Uma equipe de perícia estava a caminho. Os policiais de Hafnarfjörður estavam às voltas com a fita amarela de plástico para isolar a área, mas tinham descoberto que não havia nenhum lugar para prendê-la. Sigurdur Óli viu os esforços deles e pensou que agora entendia por que as piadas sobre o idiota da aldeia sempre se passavam em Hafnarfjörður.

“Você não está de férias?”, ele perguntou a Erlendur, enquanto este caminhava sobre a areia preta.

“Estou”, respondeu Erlendur. “O que você anda fazendo?”

“O de sempre”, disse Sigurdur Óli em inglês. Ele olhou para a estrada, onde um jipe grande de uma das emissoras de TV estava estacionando. “Eles a mandaram para casa”, disse Sigurdur Óli com um aceno de cabeça para os policiais de Hafnarfjörður. “A mulher que encontrou os ossos. Ela estava fazendo

umas medições por aqui. Depois podemos perguntar a ela por que o lago secou. Em circunstâncias normais, estaríamos com água até o pescoço.”

“O seu ombro está bom?”

“Está. E Eva Lind, como vai?”

“Ainda não fugiu”, disse Erlendur. “Acho que ela lamenta tudo o que aconteceu, mas não tenho muita certeza.”

Ele se ajoelhou e examinou a parte exposta do esqueleto. Colocou o dedo no buraco no crânio e esfregou uma das costelas.

“Ele foi atingido na cabeça”, disse, voltando a se levantar.

“Isso é bastante óbvio”, Elínborg observou sarcasticamente. “Se é que é ‘ele’”, ela acrescentou.

“Parece ter sido uma briga, não é?”, disse Sigurdur Óli. “O buraco está um pouco acima da têmpera direita. Talvez só tenha sido preciso um bom golpe.”

“Não podemos descartar a possibilidade de que ele estivesse sozinho em um barco aqui e tenha caído de lado”, disse Erlendur, olhando para Elínborg. “Esse sarcasmo, Elínborg, é o estilo que você usa no seu livro de culinária?”

“Claro, o pedaço quebrado do osso já teria desaparecido há muito tempo”, disse ela, ignorando a pergunta.

“Precisamos desenterrar os ossos”, disse Sigurdur Óli. “Quando a perícia vai chegar?”

Erlendur viu mais carros parando na beira da estrada e presumiu que a notícia sobre a descoberta do esqueleto tinha chegado às redações.

“Eles não vão ter que armar uma barraca?”, perguntou, ainda de olho na estrada.

“Vão, sim”, respondeu Sigurdur Óli. “Eles devem trazer uma.”

“Quer dizer que ele estava pescando no lago sozinho?”, perguntou Elínborg.

“Não, isso é apenas uma possibilidade”, disse Erlendur.

“Mas e se alguém bateu nele?”

“Então não foi um acidente”, disse Sigurdur Óli.

“Não sabemos o que aconteceu”, disse Erlendur. “Talvez alguém tenha batido nele. Talvez ele estivesse pescando com alguém que, de repente, sacou um martelo. Talvez só houvesse os dois. Talvez fossem três, cinco.”

“Ou”, continuou Sigurdur Óli, “ele foi atingido na cabeça na cidade e trazido para o lago para que o corpo sumisse aqui.”

“Como eles teriam feito para ele afundar?”, perguntou Elínborg. “É preciso ter algum peso para fazer um corpo ficar dentro d’água.”

“É um adulto?”, perguntou Sigurdur Óli.

“Peça a eles que mantenham distância”, disse Erlendur enquanto observava os repórteres escalando o leito do lago, vindos da estrada. Um pequeno avião se aproximou, chegando da direção de Reykjavík, e voou baixo sobre o lago; eles conseguiram ver alguém com uma câmera.

Sigurdur Óli foi até os repórteres. Erlendur caminhou para junto da água. As ondulações batiam preguiçosamente contra a areia, enquanto ele observava o sol da tarde brilhando na superfície da água e se perguntava o que estaria acontecendo. Será que o lago estava escoando devido às ações do homem? Ou aquilo era obra da natureza? Era como se o próprio lago quisesse revelar um crime. Será que ele ocultava mais crimes no trecho onde era mais profundo e ainda escuro e calmo?

Ele olhou para a estrada. Vestindo macacões brancos, os peritos forenses caminhavam apressados pela areia, em sua direção. Carregavam uma barraca e bolsas cheias de mistérios. Olhou para o céu e sentiu o calor do sol no rosto. Talvez o sol estivesse secando o lago.

A primeira descoberta que a equipe da perícia fez quando começaram a limpar a areia do esqueleto com suas espátulas e

pincéis de pelo fino foi uma corda que havia deslizado entre as costelas, passado ao lado da coluna vertebral, desaparecendo em seguida na areia, sob o esqueleto.

O nome da hidróloga era Sunna e ela estava aninhada sob um cobertor no sofá. A fita no videocassete era o suspense americano *O colecionador de ossos*. O homem das meias pretas tinha ido embora. Ele havia deixado para trás dois números de telefone que ela jogou no vaso sanitário e deu a descarga. O filme tinha apenas começado quando a campainha tocou. Ela estava sempre sendo perturbada. Se não era gente que tinha errado de endereço, eram pessoas vendendo peixes secos de porta em porta ou os meninos que pediam garrafas vazias, mentindo que as estavam juntando para a Cruz Vermelha. A campainha tocou novamente. Ainda assim, ela hesitou. Então, soltando um suspiro, pôs o cobertor de lado.

Quando abriu a porta, viu dois homens de pé diante dela. Um deles tinha uma aparência lastimável, ombros curvados e uma expressão peculiarmente triste no rosto. O outro era mais jovem e muito mais apresentável — bonito, na verdade.

Erlendur viu que ela olhou com interesse para Sigurdur Óli e não conseguiu evitar um sorriso.

“É sobre o lago Kleifarvatn”, disse ele.

Assim que todos se sentaram em sua sala de visitas, Sunna contou o que ela e seus colegas da Agência Nacional de Energia acreditavam ter acontecido.

“Vocês se lembram do grande terremoto no sul da Islândia no dia 17 de junho de 2000?”, perguntou Sunna, e eles fizeram que sim com a cabeça. “Cerca de cinco segundos depois, um grande terremoto atingiu também o lago Kleifarvatn, o que fez dobrar a taxa natural de drenagem dele. Quando o lago começou

a encolher, as pessoas a princípio pensaram que era por causa da precipitação excepcionalmente baixa, mas depois descobriu-se que a água estava escoando pelas fissuras que correm pelo leito do lago e que estão lá há muito tempo. Aparentemente, elas se abriram mais com o terremoto. O lago, que media dez quilômetros quadrados, tem agora apenas cerca de oito quilômetros quadrados. O nível da água caiu em pelo menos quatro metros.”

“E foi assim que você encontrou o esqueleto”, disse Erlendur.

“Quando a superfície baixou dois metros, nós encontramos os ossos de uma ovelha”, contou Sunna. “Mas é claro que ela não tinha sido atingida na cabeça.”

“Como assim, atingida na cabeça?”, perguntou Sigurdur Óli.

Ela olhou para ele. Tentou ser discreta ao olhar para as mãos dele. Tentou ver se havia uma aliança.

“Eu vi um buraco no crânio”, disse ela. “Vocês já sabem de quem é?”

“Não”, disse Erlendur. “Ele teria que ter usado um barco, não é? Para ter conseguido chegar tão longe no lago.”

“Se você está perguntando se alguém poderia ter caminhado até onde o esqueleto está, a resposta é não. Até há bem pouco tempo, a profundidade ali era de pelo menos quatro metros. E se isso aconteceu anos atrás, o que, é claro, eu não sei, a profundidade seria ainda maior.”

“Então eles estavam em um barco?”, disse Sigurdur Óli. “Há barcos nesse lago?”

“Há casas na vizinhança”, disse Sunna, olhando bem nos olhos dele. Ele tinha olhos bonitos, azul-escuros sob sobrancelhas delicadas. “Talvez algumas tenham barcos. Eu nunca vi um barco no lago.”

Se pelo menos a gente pudesse remar juntos para algum lugar, ela pensou.

O celular de Erlendur começou a tocar. Era Elínborg.

“É melhor você vir para cá”, disse ela.

“O que aconteceu?”

“Venha ver. É algo extraordinário. Nunca vi nada igual.”